



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**NA TRILHA DAS PEDRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS  
METODOLOGIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PROCESSO DE ESCUTA**

Celso Sánchez<sup>1</sup>

Bruno Monteiro<sup>2</sup>

Renata Monteiro<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho propomos discutir o debate concernente ao campo da EA como opção política de um processo de construção coletiva, onde se coloque a perspectiva de transformação da realidade das comunidades envolvidas. Neste sentido, buscaremos observar metodologias e procedimentos aplicados a EA, destacando o processo de escuta como instrumento para contextualizar questões socioambientais a partir da leitura de mundo dos atores envolvidos. Não pretendemos trazer fórmulas ou técnicas, tão pouco elaborar uma espécie de “manual” de EA, mas ao contrário, propor uma discussão sobre a EA como meio de percepção, tendo como referencial a dimensão ontológica e os processos endógenos de participação coletiva.

**Palavras-chave:** EA, processo de escuta, dimensão ontológica.

**ABSTRACT:** In this work we discuss the debate concerning the field in which the EE (Environmental Education) is presented as a policy option in a process of collective construction, standing as a prospect of changing the reality of the communities involved. In this direction, we try to address the methodologies and procedures applied to EE, highlighting the educational practice based on the ‘listening’ of community speech towards the need of contextualization of socio-environmental issues, thus, departing from the world view of the actors involved. We do not intend to bring out formulas or techniques, nor even develop some sort of EE "manual", but rather to propose a discussion of the EE as an instrument of perception and autonomy, having as references the ontological dimension and endogenous processes of collective participation.

**Keywords:** EE, listening, ontological dimension.

<sup>1</sup> Doutor em Educação, professor adjunto do Departamento de Didática da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) CEP 22 290 240 Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: [celsosanchez@unirio.br](mailto:celsosanchez@unirio.br).

<sup>2</sup> Mestre em Ensino de Ciências e Saúde NUTES/UFRJ. Professor Assistente do Instituto de Química do Departamento de Ensino da Universidade Federal de Lavras (UFLA) CEP 37 200 000 Lavras –MG. E-mail: [bpmonteiro@hotmail.com](mailto:bpmonteiro@hotmail.com)

<sup>3</sup> Aluna de mestrado, bolsista CAPES/Observatório da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) CEP 22 290 240 Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: [renatas\\_monteiro@hotmail.com](mailto:renatas_monteiro@hotmail.com).

## **Introdução**

É cada vez mais consenso que para atingirmos o nível de sustentabilidade que necessitamos a Educação Ambiental (EA) deve ser colocada em cena como algo cotidiano, presente desde sempre, e em todos os níveis de ensino. No entanto, algumas indagações se colocam aos educadores ambientais, num momento em que, cada vez mais, o tema ambiental é apropriado pelo discurso hegemônico. Neste cenário, entre diferentes vozes e práticas, nos interessa saber em que medida a EA se aproxima ou se distancia da reflexão e práxis transformadora das realidades inseridas no contexto socioambiental.

## **Partindo de alguns pressupostos**

Quando pensamos nas ações de intervenção em EA, alguns autores apontam a dimensão construtiva da EA comunitária em que as ações educativas se entremeiam de concepções políticas. A condição teórico-metodológica desta construção propõe condições participativas, cooperativas e interdisciplinares no intuito de potencializar a leitura da realidade e com ela a dimensão socioambiental.

Uma perspectiva fundamental para a conquista destes pressupostos deve ser a atenção dada às diferenças ambientais locais, ou seja, ter foco na realidade ambiental específica de cada localidade, em que se pese um olhar atento às suas singularidades. Na obra de Sachs (2000) encontramos este enfoque quando se refere à consolidação de práticas de desenvolvimento sustentável. Significa dizer, que muitas vezes, não haverá modelos a seguir, apenas referenciais, devendo se proceder a construção da consciência local e coletiva na qual a comunidade reflita suas condições e relações com o meio no qual se insere. Este processo deve criar um espaço para emergência de algo novo, *sui generis*, a partir de sua especificidade. Para Guimarães (2000) é preciso ir além das questões ambientais, o que requer uma releitura crítica do mundo, do modelo de desenvolvimento no qual estamos imersos a fim de superar as condições de opressão. Pontua sobre a necessidade de “transformações radicais”, pautadas por processos coletivos na construção de um novo paradigma de relacionamento com a natureza, ainda e, sobretudo na intervenção histórica, tal como postula (GUIMARÃES, 2000, p.84):

Uma educação ambiental crítica aponta para transformações radicais nas relações de produção, nas relações sociais, nas relações homem natureza, na relação do homem com sua própria subjetividade num processo de construção coletiva de uma ética, de uma

nova cultura, novos conhecimentos. Processos esses assumidos por sujeitos individuais e coletivos que desvelam a necessidade da construção de novo paradigma, um novo modelo de relacionamento com a natureza e de intervenção na história.

Cada comunidade possui uma concepção diferente e uma forma característica de se relacionar no “meio ambiente”, aspectos que não podem ser desprezados. Assim, se constituem valores a partir dos quais devem se processar as relações sócio-educativas em que a perspectiva local trace o perfil e as diretrizes da EA. De acordo com Layrargues (LAYRARGUES; LOUREIRO; CASTRO, 2006) se a EA tem como foco a mudança, não pode se descolar das condições sócio-culturais da localidade na qual se insere, sendo necessário atentar para o risco desta “transformação” ser cooptada pelo discurso do modelo hegemônico de sociedade, tal como elucida (Ibid., 2006, p.96):

Se é verdade que a EA tem como alvo central a mudança ambiental, é menos verdade que ela esteja descolada da realidade social e não apresente vínculos no que concerne à mudança social. Portanto, ou se quer reproduzir ou se quer transformar as condições sociais. A criação de uma consciência ecológica, por mais sutis que sejam as relações, não se faz isoladamente das condições sociais.

As metodologias de EA se consideradas estratégias educativas intervencionistas, não devem se restringir ao caráter reflexivo, ainda que sob o viés crítico da problemática ambiental. Logo, se requer uma perspectiva de resolução de problemas ambientais concretos, em que se inclua reflexão, e ainda, a práxis vinculada da comunidade diretamente envolvida no processo de transformação de sua condição socioambiental. As práticas em EA podem ser compreendidas como práticas de uma pedagogia emancipatória, no sentido atribuído por Loureiro (2004), quando os envolvidos na ação educativa se tornam sujeitos engajados na mudança de sua condição socioambiental. Nesta perspectiva, a EA se aproxima de práticas que potencializam a ambiência crítica, reflexiva e, ao mesmo tempo, comprometida com uma mudança de valores, hábitos e atitudes a fim de garantir a sustentabilidade das presentes e futuras gerações.

Neste processo parece imprescindível valorizar a diversidade, a riqueza das experiências sociais em curso no mundo, muitas vezes, alocadas no lugar da ausência e facilmente desacreditadas em suas possibilidades contra-hegemônicas, na concepção de Santos (2006 e 2008). Para o autor vivemos num momento de transição paradigmática que requer evidenciar outras formas de conhecimento e produção social, desvinculadas da racionalidade hegemônica e das relações de poder que engendra. Esta racionalidade teria reduzido a multiplicidade do mundo

ao modelo de racionalidade ocidental, tido como a única forma qualidade e padrão estético elegível pela globalização hegemônica. Assim, uma das partes é tomada como referência e imposta às demais num processo de homogeneização, se reduzindo a multiplicidade dos tempos ao tempo linear e a multiplicidade de saberes ao conhecimento científico. A existência de uma “razão indolente” nos levaria a desconsiderar outras formas de relacionamento com a natureza, tal como a das comunidades tradicionais indígenas e quilombolas, classificadas como atrasadas pelo fato de não se pautarem pela lógica da dominação e produtividade capitalista. O autor defende, entretanto, um movimento em que se amplie o presente e se valorize a imensa experiência cultural desperdiçada pela globalização hegemônica que proclama o discurso da inexistência de alternativas, de que a história teria chegado ao fim. Santos evidencia a condição de urgência uma vez que “(...) o regime de dominação actual, à medida que perde coerência, mostra-se cada vez mais violento e imprevisível, aumentando deste modo a vulnerabilidade das regiões, das nações e dos grupos sociais subordinados e oprimidos” (SANTOS, 2006, p.192).

O potencial da EA de base local se coloca diante da possibilidade de desmantelamento das relações de poder, dependência e homogeneização das partes, entendendo que no interior das comunidades há outra totalidade em que se inscrevem diferentes formas de conhecimento e produção. Estes “saberes e fazeres” emergem no processo de participação coletiva, em que se valorize a singularidade comunitária a fim de se produzam ações e práticas sustentáveis para transformação autônoma, consciente e democrática. Ampliando esta discussão para América Latina, Herrera (DAGNINO e HERNÁN, 2003, p.40) coloca a necessidade de buscar um novo ideal de desenvolvimento, tendo em vista que:

Primeiro, repetir o modelo ocidental – apesar de muitos aspectos positivos que possui - levaria a mesma situação de desigualdade sociais a nível interno e internacional, ao desperdício no uso dos recursos, deterioração do ambiente natural e a crescente alienação que hoje enfrenta a cultura ocidental. Segundo, os países do terceiro mundo terceiro mundo têm características culturais cujos valores, que devem ser preservados, são uma herança comum do homem e, usando uma analogia ecológica, constituem uma reserva genética de futuras opções culturais.

### **Hanna Arendt como inspiração**

É nesta perspectiva que nossa breve reflexão se assenta, debatendo metodologias e procedimentos de reflexão e ação, capazes de dar conta das transformações ambientais necessárias para o combate a crise ambiental em que vivemos. Buscaremos a contribuição de

Hanna Arendt (2004) e seu alerta a vigilância, para não nos distanciarmos de nossa capacidade de falar e pensar daquilo que podemos efetivamente fazer. Acreditamos que a EA deve encaminhar o sujeito para o que Arendt destaca como sendo “*vita activa*”, pois, “é na esfera política e pública que realizamos nossa condição humana”. Para que haja condição humana - o viver do homem na Terra – a autora relaciona três atividades fundamentais, o labor, o trabalho e a ação.

O *labor* é a atividade relacionada ao processo biológico do corpo humano em que se insere o crescimento, metabolismo e seu declínio. Corresponde uma condição inata de como determinados conhecimentos, saber implícito, nascem conosco. A condição humana do *labor* é a vida. Sua qualidade é de um estoque inicial de informação que se acumula com o tempo, sendo esta condição “a própria vida”. No contexto da EA, seria importante re-conhecer o *labor* na natureza em si, no meio ambiente, nos demais seres vivos, como condição de suas existências legítimas, denotando o valor da vida em si mesma. Nesta perspectiva, talvez surja um posicionamento ético diante da vida em todas as suas manifestações.

O *trabalho* corresponde ao artificialismo da existência humana. Ele produz um mundo de coisas completamente diferentes de qualquer ambiente natural. Com o trabalho o homem pratica a troca em todos os sentidos, para cumprir sua permanência na Terra. A condição humana do trabalho é a mundanidade. Com a apropriação e elaboração gera-se o conhecimento. Na perspectiva da EA, o trabalho seria o reconhecimento da habilidade humana em “mundanizar” a natureza, em artificializá-la, em “domesticá-la”, o que na perspectiva de Sachs requer compromisso com a sustentabilidade. Assim, talvez possamos falar de uma “mundanização” sustentável, ou seja, o trabalho da EA seria sensibilizar o humano de sua capacidade de artificializar a natureza e a si mesmo, e assim, torná-lo responsável por seus atos. O aspecto ético deste ponto é percepção das implicações e conseqüências de nossos atos sobre o mundo e sobre a natureza e o meio.

A *ação* é a única atividade da condição humana que só pode ser praticada com outros homens. Corresponde à condição humana da pluralidade. A ação é a condição de toda a vida política do homem na Terra. Nela, o homem exerce sua qualidade de inteligência para introduzir seu conhecimento no espaço em que convive, com a intenção de modificar para melhor esse espaço, com a finalidade de estabelecer um acréscimo ao bem-estar de seus habitantes, ou seja, ação é a condição política. Ação não é apenas *conditio sine qua non*, mas um *conditio per quam*.

A autora lembra que os romanos usavam as expressões viver - *inter homines*, como estar entre os homens e morrer - *inter homines desinere*, como deixar de estar entre os homens, para mostrar o quão arraigadamente era o sentimento político de outrora na linhagem ocidental. A pluralidade torna-se assim, a condição da ação humana que nos torna igualmente diferentes em nossa semelhança. Neste ponto a perspectiva da EA é a sua face política, de busca de soluções para problemas ambientais concretos, através do engajamento comunitário e social, em seus compromissos e ações. Neste sentido a EA pode ser entendida como uma ação de perspectiva ética que se debruça nas implicações nas opções da cotidianidade e no desdobramento dos próprios atos, com os outros e no meio ambiente. Neste sentido, concordamos com Maturana (1998, p.33) quando nos lembra que:

Responsabilidade e liberdade surgem na reflexão que expõe nosso pensar (fazer) no âmbito das emoções a nosso querer ou não querer as conseqüências de nossas ações, num processo no qual não podemos nos dar conta de outra coisa a não ser de que o mundo que vivemos depende de nossos desejos.

### **O educador ambiental e as diferentes abordagens de EA**

A EA enquanto prática pedagógica possui um caráter essencialmente interdisciplinar devendo transpor a lógica disciplinar, transdisciplinaridade, o que pressupõe a diversidade de saberes e a necessidade intrínseca de buscar correlações entre os mesmo, compreendendo que os conhecimentos ambientais estão interligados, conectados entre si. Este propósito requer uma postura relativizadora do educador ambiental quanto à abordagem acadêmica ou pressupostos teóricos estruturados por, muitas vezes, reforçarem o distanciamento da comunidade e dos vínculos necessários para o engajamento à proposta da EA.

Siqueira e Pereira (2004) atentam para importância de se pensar EA tendo em vista a integração recíproca de várias disciplinas e campos de conhecimento, capazes de romper seus códigos e estruturas internas a fim de alcançar uma visão mais abrangente de determinado problema. A própria questão ambiental é tipicamente interdisciplinar dada sua complexidade inerente, tal como comenta Guimarães (2004, p.15):

A discussão sobre a relação educação-meio ambiente contextualiza-se em um cenário atual de crise nas diferentes dimensões econômica, política, cultural, social, ética e ambiental (em seu sentido biofísico). Em particular, essa discussão passa pela percepção generalizada, em todo o mundo, sobre a gravidade da crise ambiental que se manifesta tanto local quanto globalmente.

Estas colocações esclarecem o quanto o tratamento das questões ambientais deve ser dado de forma integradora ao revés do olhar único, parcial ou fragmentado da realidade ambiental. Essa característica se amplia na perspectiva da EA cuja tarefa recai na construção de conexões entre diferentes saberes, o que se pode observar em Siqueira e Pereira (2006) sendo :

Uma tarefa que demanda, de nossa parte, um grande esforço no rompimento de uma série de obstáculos ligados a uma racionalidade extremamente positivista da sociedade industrializada. A interdisciplinaridade enquanto aspiração emergente de superação da racionalidade científica positivista, aparece como entendimento de uma nova forma de institucionalizar a produção do conhecimento nos espaços da pesquisa, na articulação de novos paradigmas curriculares e na comunicação do processo perceber as várias disciplinas; nas determinações do domínio das investigações, na constituição das linguagens partilhadas, nas pluralidades dos saberes, nas possibilidades de trocas de experiências e nos modos de realização da parceria.

Corroborando com o texto acima, que se assentada no paradigma da complexidade referendado por Morin, a perspectiva interdisciplinar diz respeito à pluralidade de idéias, saberes, valores e crenças, enraizados na cultura e nos processos sociais. A compreensão da dimensão ontológica se apresenta como um desafio a prática pedagógica da EA que se destine a abordagem da questão socioambiental para confluência de processos endógenos de parcerias, iniciativas de troca e engajamento. Por este viés vale refletir em que medida metodologias de ação e procedimentos apresentados pela EA por meio, por exemplo, de manuais técnicos previamente formatados, se aproximam ou se distanciam da condição dialógica entre saberes e fazeres relacionados à dimensão socioambiental em que inscrevem, tantas vezes, contradições e conflitos referentes ao campo.

Para Carvalho (2004, p. 154) a Educação Ambiental (EA) “é uma proposta educativa que nasce em um momento histórico de alta complexidade. Faz parte de uma tentativa de responder aos sinais de falência de todo um modo de vida humano [...]”, surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. Atualmente, o debate ecológico, está entre as alternativas que visam construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente. Estes movimentos buscam a compreensão da crise como uma questão comum a todos, isto é, que afeta toda sociedade da qual depende o futuro da humanidade.

Os autores da EA se posicionam a partir de abordagens que implicam diferentes conceitos e práticas de ação educativa, caracterizando campos político-pedagógicos de disputa ideológica, polarizados em tendências conservadoras (hegemônica) - visão biocentrista, focada na relação da

humanidade com a natureza e tendências críticas (contra-hegemônica) - visão problematizadora, não apenas biológica, mas refletida no mundo social. Segundo Lima (2002, p. 120), deve-se lembrar, acima de tudo, que:

O processo educativo não é neutro e objetivo, destituído de valores, interesses e ideologias. Ao contrário, a educação é uma construção social repleta de subjetividade, de escolhas valorativas e de vontades políticas, dotada de uma especial singularidade, que reside em sua capacidade reprodutiva dentro da sociedade.

Reigota (2007) alerta para o fato da idéia de meio ambiente comportar diferentes concepções do termo. Neste sentido, vale destacar o trabalho de Sauv e et al (2000) apresentado por Sato (2004), onde se estabelecem conexões das diferentes representações e estratégias aplicadas a EA. A seguir, se reproduz o quadro sintético deste trabalho a fim de ilustrar as diversas perspectivas inerentes ao campo da EA. Lembramos ainda, que este quadro não é definitivo e não pode ser generalizado, no entanto, é fruto de uma investigação que traduz algumas estratégias utilizadas por distintas abordagens em EA. Assim, seguem as modalidades de preocupação ambientalistas apresentadas:

Representações Exemplos:	Palavras-chave	Problema identificado	Objetivos da EA	Exemplos de estratégias
Quando a natureza é vista como algo que devemos apreciar e respeitar	Preservação árvores e animais	Ser humano dissociado da natureza (mero observador)	Renovação dos laços com a natureza, tornando-nos parte dela. Desenvolvimento de sensibilidade	Imersão na natureza “aclimação, processo de admiração do meio natural
Quando é vista como Recursos que devemos gerenciar	Água, resíduos sólidos, energia, biodiversidade	Ser humano usando os recursos naturais de forma irracional	Manejo e gestão ambiental para um futuro sustentável	Campanhas, economia de energia, reciclagem do lixo e interface com Agenda 21
Vista como Problema que devemos solucionar	Contaminação, queimadas, danos ambientais	Ser humano tem efeito negativo no meio ambiente e a vida está ameaçada	Desenvolver competências e ações para a solução de problemas ambientais por meio de comportamentos responsáveis	Resolução de problemas e estudo de caso
Como Sistemas que devemos compreender para as tomadas de decisão	Ecossistema, desequilíbrio ecológico, relações ecológicas	Ser humano percebe sistema fragmentado, negligenciando uma visão global	Desenvolver pensamento sistêmico(ambiente como um grande	Análise das situações, modelagem, exercícios para a validação dos conhecimentos

			sistema para a tomada de decisões)	
Meio de vida que devemos conhecer e organizar	Tudo que nos rodeia, lugar de vida e de trabalho, vida cotidiana	Seres humanos são habitantes do ambiente sem sentido de pertencimento	Redescobrir os próprios meios de vida, despertando o sentido de pertencimento	Itinerários interpretativos, trilhas da vida e estudos sobre o entorno
Biosfera em que vivemos juntos e a longo prazo	Planeta Terra, ambiente global, cidadania planetária, visão espacial	Ser humano não é solidário e a cultura ocidental não reconhece o valor intrínseco da natureza	Desenvolver visões globais do ambiente, considerando as inter-relações entre global e local, passado e futuro etc.	Uso das narrativas e lendas das comunidades locais, discussões globais
Projeto Comunitário com comprometimento	Responsabilidade Projeto Político, transformações, emancipação	Ser humano é individualista e falta compromissos políticos com sua própria comunidade	Desenvolver a práxis, a reflexão e a ação, por intermédio do espírito crítico e valorando o exercício da democracia e do trabalho coletivo	Fórum ambiental com comunidade, pesquisa-ação e pedagogia de projetos

Adaptado de Sáuve et al(2000) *apud* Sato (2003).

### **Para além da monocultura do conhecimento: o processo de escuta em EA**

Diante destas considerações, a interdisciplinaridade é apontada como uma ferramenta de construção da EA no sentido de possibilitar transpor a monocultura do saber científico, estabelecida no meio acadêmico em campos como a biologia, antropologia, engenharia e psicologia. Desta forma, se apresenta um desafio ao educador ambiental que deve estar atento ao desenvolvimento de competências e habilidades para que se estabeleçam relações entre as ciências legitimadas e as outras formas de conhecimentos e experiências sociais tais como a religião, as mitologias, a crença, a filosofia e a arte. Estas se processam na dinâmica social por meio de manifestações locais que comportam diferentes concepções e padrões estéticos, nem por isto, de menor importância social.

É por este aspecto que se considera a EA como uma prática pedagógica holística, no sentido do termo *holos*, em grego, totalidade. Ampliando esta percepção, Michèle Sato (2003, p.16) coloca que “a qualidade de vida em nosso planeta tem sido rapidamente deteriorada, com o comprometimento não somente dos aspectos físicos ou biológicos, mas principalmente dos fatores sociais, econômicos e políticos”. A autora completa que (2003, p.24):

Nesse contexto, o ambiente não pode ser considerado um objeto de cada disciplina, isolado de outros fatores. Ele deve ser abordado como uma dimensão que sustenta todas as atividades e impulsiona os aspectos físicos, biológicos, sociais e culturais seres

humanos. A EA tem sido identificada como transdisciplinar, isto é, deve permear todas as disciplinas do currículo escolar.

Na colocação de Sato se observa a importância de valorizar os elementos construídos na relação entre educador e educando. A construção de saberes e práticas a partir dos elementos trazidos previamente pelo grupo a ser trabalhado são fundamentais a EA enquanto instrumento de mobilização e motivação à causa ambientalista. Estes elementos devem ser observados e problematizados na construção da práxis pedagógica da EA. A criatividade talvez seja uma competência que se alie ao educador ambiental para alcançar este propósito, tal como enfatizado (SATO, 2003, p.25):

É extremamente importante introduzir mais criatividade nas novas metodologias de, abandonando modelos tradicionais e buscando novas alternativas. Nesse contexto o professor é o ator-chave para mediar o processo de aprendizagem: o método selecionado pelo professor depende do que ele aceita como objetivo da EA, seu interesse e sua formação construída.

### **Considerações finais**

Segundo Loureiro (2006) o processo educativo deve ultrapassar a aquisição de informações, sensibilização, explicação causal de fenômenos e mudança de comportamento. Requer a problematização e a prática de atuação transformadora da realidade, estando muito além, portanto, da noção de que a informação e o uso de uma racionalidade pragmática conduz o outro a adotar o “comportamento ambientalmente correto”, normatizando a ação cotidiana, como se o “correto” fosse uma condição exclusivamente objetiva e de acesso à informação cientificamente produzida.

As reflexões a cerca da EA parece servir como um indicador de que a prática pedagógica pode ser instrumento de mudança com participação efetiva. Para Lima (2002), o processo participativo que não altera os padrões de distribuição de poder, riqueza, conhecimento, informação e de acesso aos recursos naturais e tecnológicos não pode ser reconhecido em sua autenticidade e legitimidade. Desta forma, a prática pedagógica em EA deve ser uma ferramenta que contribua a um projeto coletivo e participativo que mobilize a sociedade para a mudança política, a reforma moral e a reformulação de expectativas. Na mesma perspectiva, afirmam Leroy e Pacheco (2006, p. 49 e 50):

As dimensões do desafio exigem uma profunda mudança política e uma verdadeira reforma moral, conquistando parte da humanidade para uma revisão crítica e para a reformulação de suas expectativas, sonhos e desejos. Só dessa forma chegaremos a um consumo austero, a uma sociedade da sobriedade, na qual prevalece o ser sobre o ter, levando a uma nova práxis coletiva na construção da “natureza-projeto”. Sem esse

amplo movimento, que não deixa de ser uma verdadeira revolução filosófica, as propostas de reforma do padrão de produção e consumo se reduzem a boas intenções e a exemplos de pessoas e de grupinhos sem impacto.

Diante das reflexões traçadas e da contribuição de diferentes autores, entendemos que a EA, como prática educativa, se apresenta como um desafio que se estende a todos envolvidos, principalmente, ao educador ambiental quando entende que as metodologias devem ser fruto de um processo de construção com o outro e não para o outro. Esta prerrogativa requer processos de busca coletiva, em que incida uma releitura crítica da realidade e das relações socioambientais na qual se inserem diferentes atores, com vista à práxis libertadora, na concepção freiriana. Desta forma, se faz imprescindível repensar as metodologias adotadas, principalmente quando denotam uma perspectiva definitiva, predeterminada por modelos fechados ou estabelecidos na retórica cotidiana da educação. Esta condição exige criatividade, inventividade e parceria para que se reconheçam valores e saberes locais na constituição cognitiva de gestão conhecimento individual e coletivo para autonomia.

A percepção ambiental pode ser definida como tomada de consciência do ambiente pelo ser humano, ou seja, o ato de perceber o ambiente em que se está inserido, tendo consciência da inter-relação e da necessidade em protegê-lo como cuidar de si mesmo. Nesta conjuntura, cada um de nós terá uma percepção diferente de meio ambiente, um possível exercício é fazer com que os educandos identifiquem suas racionalidades e percepções de modo a se processarem novas experiências e formas de se relacionar. Algumas metodologias de educação ambiental podem ser propostas ou analisadas utilizando-se estudos sobre percepção do ambiente, como o caso de Paraty (SÁNCHEZ, 1998) e Guapimirim (SÁNCHEZ, 1999), em que a percepção e as representações sociais sobre meio ambiente foram utilizadas como estratégias para a construção de programas de EA contextualizados ao imaginário local. Estes trabalhos objetivaram compreender a educação ambiental inserida no espaço urbano com a fim de despertar a tomada de consciência e ação frente ao meio ambiente inserido na dinâmica local. O estudo da percepção ambiental tem como vantagem aproximar o pesquisador da realidade social onde se insere, permitindo compreender códigos de linguagem do público alvo de seu trabalho.

O educador ambiental como elo desse processo deve, portanto, buscar uma postura de escuta a fim de compreender valores e catalisar ações que potencializam o envolvimento dos educandos em sua manifestação proativa no meio ambiente. Para Loureiro (2004) este é o tom emancipatório da EA, no sentido de que através desta postura o educando desenvolve habilidades

e competências para emancipação e autonomia, como agente de seu próprio processo aprendizagem e ação. Desta forma é imprescindível que nos trabalhos de EA o educador ambiental mantenha uma “postura de escuta”, ou seja, saiba ouvir e relacionar conhecimentos e saberes locais. Deve, portanto, “escutar” as tradições e manifestações culturais específicas, que trazem em seu bojo, importantes reflexões sobre quem fala e de onde fala, a fim de se processarem condições autônomas de percepção dos conflitos e questões inerentes ao âmbito socioambiental.

### **REFERÊNCIAS:**

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense, 10<sup>a</sup>.ed, 2004.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

GUIMARÃES, Mauro. *Educação Ambiental no consenso em debate?* São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. *A formação de educadores ambientais*. Campinas, Papirus, 2004.

HERRERA, A. Novo enfoque do desenvolvimento e o papel da ciência e da tecnologia. In: Dagnino, R.; Hernán, T. *Ciência, Tecnologia e Sociedade: uma reflexão latino-americano*. Taubaté: Cabral Editora e livraria universitária, 2003. p.25-45.

LAYRARGUES, P.P. (2006) Muito além da natureza: EA e a reprodução social In: LAYRARGUES, P.P.; LOUREIRO, C.F.B.; CASTRO, R.S. de (Org.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 72-103

LEROY, J.P.; PACHECO, T. Dilemas de uma educação em tempo de crise. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. de (Org.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 34 - 69.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa Lima. *Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória*. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C.F. *Fundamentos e Trajetórias da Educação Ambiental*. Rio de Janeiro, Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. de (Org.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

MATURANA, H.  *Emoções e Linguagem na Política e na Educação*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 2007.

SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro: Gramond, 2000.

SÁNCHEZ, C ; SÃO PEDRO, M DE F.; PEREZ, R.A ;BELTRÃO, M.C; Educação Ambiental na Preservação de Sítios Arqueológicos de Guapimirim – *IV Fórum de Educação Ambiental Encontro da Rede Brasileira de Educação Ambiental*. Tema: Gestões Democráticas para a Sustentabilidade do Ambiente”. Agosto de 1997, Guarapari- ES.

SÁNCHEZ, C. Representações Sociais sobre meio ambiente e desenvolvimento em uma cidade ecoturística: O caso de Paraty. *Anais da Jornada Internacional sobre Representações Sociais: Teorias e Campos de Aplicação*. Novembro de 1998, Natal, RN.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. *Gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2008.

SATO, M. Educação Ambiental. São Carlos, Ed. Rima, 2003.

SIQUEIRA, H.S.G. e PEREIRA, M.A. *Pos-Modernidade* em <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.html>. Acesso em 12/02/2006.